EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA

CONFISSÕES

de Santo Agostinho
(354 – 430)

Seleção da Narrativa

Santo Agostinho escreve "As Confissões" (*"Confessionum libri tredecim"*) no ano 400, com 46 anos. Esta obra representa simultaneamente um condensado de sua vida até o ano de 387 e um resumo de sua filosofia, já que, nos "Solilóquios", Agostinho diz textualmente *"Deum et animam scire cupio. Nihilne plus? Nihil omnio"* ("Desejo conhecer Deus e a Alma. Nada mais? Nada mais em absoluto") e "As Confissões" lidam justamente com a descoberta do Cristianismo e dos mecanismos da alma humana: *"Noli foras ire; in interiore hominis habitat veritas".* ("Nada procurar fora; no interior da alma do homem habita a verdade.")

Agostinho, profundamente influenciado pelo platonismo dos neoplatônicos (provavelmente de Aristóteles não leu mais do que "As Categorias") foi, até o aparecimento de São Tomás no século XIII, o maior filósofo do Cristianismo, sendo o principal responsável pela formulação da doutrina cristã (ortodoxia), na medida em que combatia heresias (estabelecendo a *credibilia*), como o donatismo (este mais um cisma), arianismo, maniqueísmo e pelagianismo.

Filosoficamente, Agostinho foi o introdutor da perspectiva da "primeira pessoa" no texto filosófico, o que o torna surpreendentemente moderno num mundo obcecado por existencialismos de toda a sorte, fazendo de Agostinho o último dos antigos e o primeiro dos modernos. O pensador mais próximo Agostinho seria Blaise Pascal (1623-1662), mas o padre da Igreja influenciou gerações de filósofos cristãos, o filósofo moderno Wittgenstein, o cisma de Lutero (que era padre agostiniano) e o jansenismo, uma tentativa de recuperação da pureza cristã nos séculos XVII e XVIII.

Nos excertos abaixo, os *caputs* são de autoria dos tradutores.

Livro I – A Infância

6 - No Alvorecer da Vida

"Confessar-Vos-ei, Senhor do céu e da terra, louvando-Vos pelos alvores da vida e pela infância de que me não lembro. Concedestes ao homem a graça de conjecturar de si pelo que vê nos outros, e de acreditar muitas coisas a seu respeito, confiado na autoridade de simples mulheres. Já então

verdadeiramente existia e vivia. No fim da infância, já buscava sinais com que exprimir aos outros as minhas vontades." (pág. 43)

7 – Prognósticos de Vícios

"Por isso, Senhor, envergonho-me de contar, na minha vida terrena, esta idade que não me lembro de ter vivido. Somente acredito nela pelo testemunho alheio e pelas conjeturas que formei ao observar as outras crianças, conjeturas estas aliás muito fidedignas. Tudo quanto se oculta nas trevas do meu esquecimento é para mim igual ao tempo que vivi no seio materno. E se 'fui concebido em iniqüidade' e se 'em pecado me alimentou, no ventre, minha mãe', pergunto, Senhor e Deus meu, onde e quando esteve inocente este vosso servo? Passo em silêncio esta quadra da vida. Que tenho eu que ver com ela, se nem reminiscências conservo?" (págs. 45-46)

11 - No Limiar do Batistério

"Vistes, Senhor, que, sendo ainda criança, sobrevindo-me certo dia uma febre alta, motivada numa opressão do estômago, bati às portas da morte. Sabeis, meu Deus, pois já então por mim vigiáveis, com que ardor e fé pedi à piedade de minha mãe e de nossa mãe comum – a vossa Igreja – o batismo de Cristo, Deus e Senhor meu. A minha mãe carnal, porque na sua fé e coração puro me gerava com maior solicitude para a vida eterna, perturbada, procurava com pressa iniciar-me e purificar-me nos sacramentos da salvação, confessando-Vos eu, Senhor Jesus, para obter a remissão dos meus pecados. Dentro em breve, porém, achei-me melhor, e essa purificação foi diferida, como se fosse necessário continuar a corromper-me, para prolongar a vida. Na verdade, depois do banho do batismo, as recaídas na imundície do pecado seriam mais graves e perigosas.

Tinha eu já verdadeira fé, como minha mãe e todos os de casa, exceto meu pai, que não prevaleceu em mim contra os direitos da piedade materna de eu crer em Cristo, no qual ele ainda não acreditava. Minha mãe desejava ardentemente que eu Vos considerasse a Vós, meu Deus, como pai, mais do que àquele que ainda não tinha fé. Nisso a ajudáveis a triunfar do marido, a quem servia melhor pelo fato de nisso obedecer às vossas ordens." (págs. 49-50)

14 – Aversão à Língua Grega

"Por que aborrecia eu também a literatura grega, que entoava tais ficções? Homero teceu habilmente essas fábulas, e é dulcíssimo na sua frivolidade, ainda que para mim, menino, fosse amargo. Creio que aos jovens gregos sucederá com Virgílio o mesmo que a mim com Homero, quando me obrigavam a estudá-lo. O trabalho de aprender inteiramente essa língua estrangeira como que aspergia com fel toda a suavidade das fábulas gregas.

Não conhecia nenhuma palavra daquela língua, e, para me fazerem aprender, ameaçavam-me com terríveis castigos e crueldades. É verdade que outrora, quando criancinha, também não sabia nenhuma palavra latina, e contudo instruí-me, sem temores nem castigos, só com prestar atenção entre carícias das amas, entre os gracejos dos que se riam e as alegrias dos que folgavam. Aprendi, sem a pressão correcional de instigadores, impelido só pelo meu coração desejoso de dar à luz os seus sentimentos, o que não seria possível sem aprender algumas palavras, não da boca dos mestres, mas daqueles que falavam comigo e em cujos ouvidos eu depunha as minhas impressões.

Disso ressalta com evidência que, para aprender, é mais eficaz uma curiosidade espontânea do que um constrangimento ameaçador. Contudo, esta violência refreia, graças às vossas leis, os excessos da curiosidade; sim, graças às vossas leis, que, desde as férulas dos mestres até as torturas dos mártires, sabem dosear as suas tristezas salutares, para nos chamarem a Vós, do meio das doçuras perniciosas com que nos íamos afastando." (págs. 53-54)

18 – Desprezo das Leis Eternas

"Vede, ó Senhor Deus, e reparai benigno, segundo é vosso costume, como os filhos dos homens observam diligentemente as regras da ortografia e das sílabas, recebidas dos primeiros mestres, e desprezam as leis eternas da salvação eterna, de Vós recebidas. Se alguém, ao aprender ou ensinar as regras tradicionais dos sons, pronunciar sem aspiração da primeira sílaba a 'homo' (homem), desagrada mais aos homens do que se odiar, contra os vossos mandamentos, outro homem, apesar de este ser o 'homem'. Como se, na realidade, se persuadisse haver um inimigo mais molesto que o próprio ódio com que se irrita contra si mesmo; ou como se alguém prejudicasse mais gravemente, a outrem, com perseguições, do que ao próprio coração, com essa inimizade! Com certeza a ciência gramatical não é mais interior do que a lei da consciência – de não fazer a outrem o que não queremos que nos façam a nós mesmos." (pág. 58)

Livro II – Os Pecados da Adolescência

1 – Desordens da Juventude

"Quero recordar as minhas torpezas passadas e as depravações carnais da minha alma, não porque as ame, mas para Vos amar, ó meu Deus. É por amor do vosso amor que, amargamente, chamo à memória os caminhos viciosos, para que me dulcifiqueis, ó doçura que não engana, doçura feliz e firme. Concentro-me, livre da dispersão em que me dissipei e me reduzi ao nada, afastando-me de vossa unidade para inúmeras bagatelas.

Quantas vezes, na adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em prazeres infernais, ousando até entregar-me a vários e tenebrosos amores! A minha beleza definhou-se e apodreci a vosso olhos, por buscar a complacência própria e desejar ser agradável aos olhos dos homens." (pág. 63)

2 – Sob a Ação da Carne

"Onde me encontrava eu? Como me tinha exilado para longe das delícias da vossa casa, aos dezesseis anos de idade, segundo a carne, quando a loucura deste prazer, que a nossa degradação liberta de todo o freio, e que é proibido pela vossa lei, me fez aceitar o cetro que empunhei com ambas as mãos! Nenhum dos meus teve o cuidado de me suster na queda, pelo matrimônio, porque de mim só tinham uma preocupação: que aprendesse a compor discursos o mais belamente possível e a persuadir por meio da oratória." (pág. 65)

4 – História de um Furto

"O furto é punido pela vossa lei, ó Senhor, lei que, indelevelmente gravada nos corações dos homens, nem sequer a mesma iniqüidade poderá apagar. Ora, que ladrão haverá que suporte com gosto outro ladrão, se até o rico não perdoa ao indigente que foi compelido ao roubo pela miséria? E eu quis roubar; roubei, não instigado pela necessidade, mas somente pela penúria, pelo fastio da justiça e pelo excesso da maldade. Tanto é assim que furtei o que tinha em abundância e em muito melhores condições.Não pretendia desfrutar do furto, mas do roubo em si e do pecado.

Havia, próximo da nossa vinha, uma pereira, carregada de frutos nada sedutores, nem pela beleza, nem pelo sabor. Alta noite, pois tínhamos o perverso costume de prolongar nas eiras os jogos até essas horas, eu com alguns jovens malvados fomos sacudi-la para lhe roubarmos os frutos. Tiramos grande quantidade, não para nos banquetearmos, se bem que provamos alguns, mas para os lançarmos aos porcos. Portanto, todo o nosso prazer consistia em praticarmos o que nos agradava, pelo fato de o roubo ser ilícito. " (págs. 68-69)

9 – O Riso da Maldade

“Qual o motivo por que me deleitava o não estar sozinho, quando cometia o furto? Seria porque ninguém facilmente se ri, quando está só? É certo que, sozinho, ninguém se ri facilmente. Mas, se alguma coisa demasiado ridícula acode aos sentidos ou à imaginação, o riso vence por vezes o homem, mesmo quando sozinho e sem ter ninguém presente. Ah! Sozinho não praticaria tal ação. Se estivesse absolutamente só, não a faria.” (pág. 74)

Livro III – Os Estudos

1 – Amores Impuros

“Vim para Cartago. De todos os lados fervia a sertã (sartago) de criminosos amores. Ainda não amava e já gostava de amar. Impelido por uma necessidade secreta, enraivecia-me contra mim mesmo por não me sentir mais faminto de amor. Gostando de amar, procurava um objeto para esse amor: odiava a minha vida estável e o caminho isento de riscos, porque sentia dentro de mim uma fome de alimento interior – de Vós, ó meu Deus. Não tinha fome desta fome, porque estava sem apetites de alimentos incorruptíveis, não porque deles transbordasse, mas porque, quanto mais vazio, tanto mais enfastiado me sentia. Por isso minha alma não tinha saúde, e, ulcerosa, lançava-se para fora, ávida de se roçar miseravelmente aos objetos sensíveis. Mas se estes não tivessem alma, com certeza não seriam amados.” (pág. 79)

2 – Do Prazer Dramático

“Arrebatavam-me os espetáculos teatrais, cheios de imagens das minhas misérias e de alimento próprio para o fogo das minhas paixões.

Mas por que quer o homem condoer-se, quando presencia cenas dolorosas e trágicas, se de modo algum deseja suportá-las? Todavia, o espectador anseia por sentir esse sofrimento, que, afinal, para ele constitui um prazer. Que é isto senão rematada loucura? Com efeito, tanto mais cada um se comove com tais cenas quanto menos curado se acha de tais afetos (deletérios). Mas ao sofrimento próprio chamamos ordinariamente desgraça, e à comparticipação das dores alheias, compaixão. Que compaixão é essa em assuntos fictícios e cênicos, se não induz o espectador a prestar auxílio, mas somente o convida à angústia e a comprazer ao dramaturgo, na proporção da dor que experimenta? E, se aquelas tragédias humanas, antigas ou fingidas, se representam de modo a não excitarem a compaixão, o espectador retira-se enfastiado e criticando. Pelo contrário, se se comove, permanece atento e chora de satisfação.” (pág. 80)

4 – A Influência de um Livro de Cícero

“Como ardia, Deus meu, como ardia em desejos de voar das coisas terrenas para Vós, sem saber como procedíeis comigo? ‘Em Vós está, verdadeiramente, a sabedoria’. Porém, o amor da sabedoria, pelo qual aqueles estudos literários me apaixonavam, tem o nome grego de FILOSOFIA. Alguns há que nos seduzem por meio dela, colorindo e adornando os seus erros com um nome grandioso, suave e honesto. Quase todos os filósofos daquela época ou anteriores que assim erram são apontados e refutados nesse livro. Nele transparece aquele salutar conselho do vosso espírito, dado por meio do vosso bom e piedoso servo: ‘Vede não vos iluda alguém com a filosofia e com miragens, conforme as tradições dos homens e os ensinamentos do mundo, e não segundo Cristo, porque é n’Ele que habita corporalmente toda a plenitude da Divindade” (págs. 83 e 84)

5 – Perante a Simplicidade da Bíblia

“Determinei, por isso, dedicar-me ao estudo da Sagrada Escritura, para a conhecer.

Vi então uma coisa encoberta para os soberbos, obscura para as crianças, mas humilde ao começo, sublime à medida que se avança e velada com mistérios. Não estava ainda disposto a poder entrar nela ou inclinar a cerviz à sua passagem.

O que senti, quando tomei nas mãos aquele livro, não foi o que acabo de dizer, senão que me pareceu indigno compará-lo à elegância ciceroniana. A sua simplicidade repugnava ao meu orgulho e a luz da minha inteligência não lhe penetrava no íntimo.

Na verdade, a agudeza de vista cresce com as crianças, porém eu de nenhum modo queria passar por criança, e, enfatuado pelo orgulho, tinha-me na conta de grande!" (págs. 84-85)

7 – Vencido pela Ignorância e pelos Maniqueístas

"Com efeito, eu ignorava outra realidade, cuja existência é indubitável. Era com que impelido, por uma aguilhada, a submeter-me à opinião de insensatos impostores quando me perguntavam a origem do mal, se Deus era ou não limitado por forma corpórea, se tinha cabelos e unhas, se se deviam reputar justos os que possuíam simultaneamente muitas mulheres, os que assassinavam homens e sacrificavam animais.

Perturbava-se a minha ignorância com estas perguntas. Assim, afastava-me da verdade com a aparência de caminhar para ela, porque não sabia que o mal é apenas a privação do bem, privação cujo último termo é o nada.

Como podia eu conhecê-lo, se meus olhos só atingiam o corpo e meu espírito não via mais do que fantasmas?" (pág. 88)

8 - A Moral e os Costumes

"Em que tempo ou lugar será injusto que 'amemos a Deus com todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com toda a nossa mente, e que amemos o próximo como a nós mesmos?' Por isso as devassidões contrárias à natureza sempre e em toda parte se devem detestar e punir, como o foram os pecados de Sodoma. Ainda que todos os povos as cometessem, cairiam na mesma culpabilidade de pecado, segundo a lei de Deus, que não fez os homens para assim usarem de si." (pág. 90)

Livro IV – O Professor

1 – Nove Anos de Erro

"Durante esse período de nove anos, desde os dezenove até aos vinte e oito, cercado de muitas paixões, era seduzido e seduzia, era enganado e enganava: às claras, com as ciências a que chamam liberais, e às ocultas, sob o falso nome de religião. Aqui ostentava-me soberbo, além supersticioso, e em toda parte vaidoso. Ora corria atrás da futilidade da glória popular, até aos aplausos dos teatros, aos jogos florais, ao torneio de coroas de feno, às bagatelas de espetáculos e paixões desenfreadas, ora desejava purificar-me dessas nódoas, conduzindo aos que eram chamados 'eleitos' e 'santos' alimentos com que, na oficina dos seus estômagos, fabricassem anjos e deuses que me dessem a liberdade. Seguia estas práticas, dando-me a elas com meus amigos, iludidos por mim e comigo." (pág. 99)

2 – Pela Estrada Larga...

"Por esses anos tinha em minha companhia uma mulher que não havia sido reconhecida em matrimônio o que se chama legítima, e que fora procurada por um inquieto ardor, falho de prudência. Mas era só uma, e guardava-lhe a fidelidade do leito. Com meu exemplo aprendi claramente, por experiência, qual é a distância que existe entre a moderação do prazer conjugal, contratado em vista da geração, e o pacto do amor sensual. Deste também nascem filhos, mas contra a vontade dos pais, se bem que, uma vez nascidos, se vejam obrigados a amá-los" (pág. 100)

6 - Violência da Dor

“Mas para que falar de tudo isso, se agora não é o tempo de investigar, mas de confessar a Vós? Era desgraçado, e desgraçada é toda alma presa pelo amor às coisas mortais. Despedaça-se quando as perde, e então sente a miséria que a torna miserável, ainda antes de as perder.” (pág. 105)

10 – Insatisfação nas Criaturas

“Deus das virtudes, convertei-nos, mostrai-nos a vossa face, e seremos salvos. Para qualquer parte que se volte a alma humana, é à dor que se agarra, se não se fixa em Vós, ainda mesmo que se agarre às belezas existentes fora de Vós e de si mesma. Estas nada teriam de belo, se não proviessem de Vós. Nascem e morrem. Nascendo, começam a existir; crescem para se aperfeiçoarem; e, quando perfeitas, envelhecem e morrem. Nem tudo envelhece, mas tudo morre. Por isso, os seres, quando nascem e se esforçam por existir, quanto mais depressa crescem para existir tanto mais se apressam a não existir. Tal é a sua condição. Só isso lhes destes, porque são partes de coisas que não existem simultaneamente, e que, desaparecendo e sucedendo-se, perfazem juntas um todo de que são partes. É assim que as conversas se completam por meio de sinais sonoros. Não existiriam na sua totalidade se cada palavra, depois de emitidas as sílabas, se não extinguisse, para outra lhe suceder.

Que a minha alma Vos louve por tudo isso, ó meu Deus, Criador de todas as coisas. Que não se agarre a elas pelo visco do amor que entra pelos sentidos do corpo. Também as coisas caminham para não existirem, e dilaceram a alma com desejos pestilenciais, porque ela quer existir e gosta de descansar no que ama. Mas não tem onde, porque as coisas não são estáveis: fogem. Quem as pode seguir com a sensibilidade? Quem as pode alcançar mesmo quando presentes? A sensibilidade é vagarosa porque é sensibilidade. Tal é a sua condição. É suficiente para aquilo para que foi criada; mas não o é para reter as coisas que transitam de um princípio devido para um fim que lhes é devido, porque, no vosso Verbo, que as criou, ouvem estas palavras: ‘Daqui até ali’. ” (pág. 109)

13 – O Que é o Belo?

“Por esse tempo ignorava estas verdades e amava as belezas terrenas. Caminhava para o abismo e dizia a meus amigos: ‘Amamos nós alguma coisa que não seja o belo? Que é o belo, por conseguinte? Que é a beleza? Que é que nos atrai e afeiçoa aos objetos que amamos? Se não houvesse neles certo ornato e formosura, não nos atrairiam’

Eu notara e via que nos mesmos corpos se devia distinguir a beleza proveniente da união das suas partes – o todo – e a resultante da sua apta acomodação a alguma coisa, como, por exemplo, a parte de um corpo ao seu todo, ou o calçado ao pé, e outras semelhantes. Essas considerações borbulhavam no meu espírito desde o fundo do coração. Escrevi, por isso, os tratados De Pulchro et Apto, creio que em dois ou três livros. Vós o sabeis, meu Deus. Eu já me esqueci. Já os não possuo. Desapareceram-me, não sei como.” (pág. 112)

16 – As Dez Categorias de Aristóteles

“Que importava ter lido e compreendido, sozinho, pelos vinte anos, a obra de Aristóteles, chamada As Dez Categorias, que me tinha vindo às mãos?

Quando um retórico de Cartago, meu professor, e outros que se tinham por doutos a citavam com palavras a estalarem de soberba, ficava suspenso, à espera de qualquer coisa sublime e divina. Conversando sobre este assunto com alguns que confessavam tê-las dificilmente entendido, apesar de mestres muito eruditos lhas explicarem com palavras e inumeráveis desenhos traçados na areia, eles nada me puderam ensinar que já não tivesse aprendido na simples leitura particular.

As Dez Categorias pareciam falar-me claramente da substância: o homem, por exemplo; do que nela se contém como a figura do homem; a estatura, quantos pés mede; o parentesco, de quem é o irmão; onde se acha; quando nasceu; se está de pé ou sentado, calçado ou armado; se faz alguma coisa; se padece algo; e, enfim, toda a infinidade de coisas que se encontram nestes nove gêneros de que citei alguns exemplos ou no próprio gênero da substância.

De que me aproveitava isto, se só me prejudicava? Julgando que tudo estava incluído nos dez predicamentos, esforçava-me por igualmente Vos compreender a Vós, meu Deus, que sois admiravelmente simples e imutável, como se estivésseis subordinado à vossa grandeza e beleza, ou como se fôsseis um corpo, onde estes atributos se radicavam. Vós, porém, sois a vossa mesma grandeza e beleza. " (págs. 116-117)

Livro V – Em Roma e Em Milão

5 – O Sábio Ignorante

"Mas quem pedia a esse Manés que escrevesse sobre estes assuntos, de cujo conhecimento se pode prescindir na aprendizagem da piedade? Vós dissestes ao homem: 'A piedade é sabedoria'.

Podia Manés ignorar a piedade, ainda que fosse profundamente instruído nestas questões. Mas, já que desavergonhadamente ousou ensiná-las sem as conhecer, de modo algum poderia alcançar a piedade. É vaidade mundana pavonear-nos com esses conhecimentos, porém é sinal de piedade o confessar-Vos. Afastando-se desta regra, falou Manés tanto sobre isto que os verdadeiramente sábios de convenceram da sua ignorância. De onde claramente se pode deduzir qual fosse a sua competência em matérias mais obscuras. Não queria ser estimado mediocremente. Por isso tentou provar que o Espírito que consola e enriquece os vossos fiéis habitava pessoalmente dentro dele, com toda a plenitude do seu poder. " (págs. 127-128)

6 – Eloqüência de Fausto

"Durante cerca de nove anos, em que meu pensamento errante escutava a doutrina maniqueísta, ansiosamente esperava a vinda de Fausto. Se por acaso encontrava alguns dos sequazes de Manés, sentiam-se embaraçados com as minhas objeções acerca daqueles problemas. Mas asseguravam-me que, quando viesse Fausto, facilmente me resolveria numa simples conversa todas estas dificuldades, e ainda outras mais intricadas que lhe propusesse.

(...)

Conheci outra espécie de pessoas que tinham a verdade como suspeita e não se lhe queriam render, se lhes fosse proposta em estilo copioso e elegante. Vós, porém, meu Deus, já me tínheis ensinado de modos admiráveis e ocultos! Creio o que Vós me ensinastes, porque é verdade, e só Vós sois o Mestre da Verdade em qualquer parte e de qualquer lugar que ela brilhe. Já tinha aprendido de Vós que não devemos ter qualquer coisa como verdadeira pelo fato de ser dita eloqüentemente, nem como falsa, por ser expressa em linguagem rude. Pelo contrário, não a devemos julgar verdadeira por ser enunciada de um modo inculto, nem falsa por ser proposta em estilo elegante.

A sabedoria e a ignorância são como os alimentos úteis ou nocivos. Podem-nos ser apresentados com palavras polidas ou com rudeza de forma, como os bons e maus alimentos nos podem ser servidos em pratos finos ou grosseiros." (págs. 129-130)

7 – O Desiludido

"Logo que transpareceu com suficiente clareza a imperícia de Fausto nestas ciências em que o julgava eminente, comecei a desesperar da sua capacidade para me esclarecer e desfazer as dificuldades que

embaraçavam meu espírito. Poderia ele perfeitamente, com a ignorância daquelas questões, possuir a verdadeira piedade, contanto que não fosse maniqueísta." (pág. 130)

10 – Erros Maniqueístas de Agostinho

"Ainda então me parecia que não éramos nós que pecávamos, mas não sei que outra natureza, estabelecida em nós. A minha soberba deleitava-se com não ter as responsabilidades da culpa. Quando procedia mal, não confessava a minha culpabilidade, para que me pudésseis curar a alma, já que Vos tinha ofendido, mas gostava de a desculpar e de acusar uma outra coisa que estava comigo e que não era eu. Na verdade, tudo aquilo era eu, se bem que a impiedade me tinha dividido contra mim mesmo! Era este pecado tanto mais difícil de cura quanto eu menos pecador me julgava." (pág. 136)

"Daqui deduzia eu a existência de uma certa substância do mal que tinha a sua massa feia e disforme – ou fosse grosseira como a que chamam terra ou tênue e sutil como o ar -, a qual eu julgava ser o espírito maligno investindo a terra. E porque a minha piedade, como quer que ela fosse, me obrigava a crer que a bondade de Deus não criou nenhuma natureza má, estabelecia eu duas substâncias opostas a si mesmas, ambas infinitas: a do mal, mais diminuta, e a do bem, mais extensa. Deste princípio pestilencial provinham as restantes blasfêmias.

(...)

Com efeito, o mal aparecia à minha ignorância não só como substância, mas como substância corpórea, já que a minha mente não podia formular a idéia senão de um corpo sutil, difundido pelo espaço." (págs. 137-138)

13 – Em Milão. Encontro com Santo Ambrósio

"Ardorosamente o ouvia quando pregava ao povo, não com o espírito que convinha, mas como que a sondar a sua eloqüência para ver se correspondia à fama, ou se realmente se exagerava ou diminuía a sua reputação oratória. Estava suspenso das suas palavras, extasiado, porém indiferentemente e até mofando do que ele dizia. Deleitava-me com a suavidade do discurso, bem mais erudito do que o de Fausto, porém menos humorístico e sedutor na apresentação. Pelo que se refere ao assunto, não se podem comparar, pois um vagabundeava pelos enganos dos maniqueístas, e o outro ensinava com a máxima segurança a salvação.

Mas 'dos pecadores', tal qual eu era nesse tempo, 'está longe a salvação'. Todavia, insensivelmente e sem o saber, me ia aproximando dela." (págs. 140-141)

14 – O Catecúmeno

"Já não julgava temerárias as afirmações da fé católica, que eu supunha nada poder retorquir contra os ataques dos maniqueus. Isto consegui-o eu por ouvir muitíssimas vezes a interpretação de textos enigmáticos do Velho Testamento, que, tomados no sentido literal, me davam a morte. Expostos assim, segundo o sentido alegórico, muitíssimos dos textos daqueles livros, já repreendia o meu desespero, que me levava a crer na impossibilidade de resistir àqueles que aborreciam e troçavam da lei e dos profetas." (pág. 141)

Livro VI – Entre Amigos

1 – Amor de Mãe

"Não foi, portanto, com imoderado júbilo que seu coração estremeceu, ao ouvir que em grande parte me tinha convertido, graça que ela todos os dias Vos pedia com lágrimas. Ainda não havia alcançado a verdade,mas já me tinha arrancado do erro. Tendo a certeza de que Vós, que lhe prometestes a graça

total, me daríeis o que faltava, respondeu-me com grande calma e com o coração cheio de confianças que esperava em Cristo que, antes de partir desta vida, me havia de ver fiel católico. Foi isso o que me disse. Mas, diante de Vós, ó fonte de misericórdias, aumentava cada vez mais as súplicas e lágrimas, para que apressásseis o vosso auxílio e iluminásseis as minhas trevas. Por isso corria com mais diligência à igreja, ficando suspensa dos lábios de Ambrósio como 'de uma fonte d´água que jorra para a vida eterna'. Ela amava este homem como um anjo de Deus, porque sabia que fora ele quem me tinha levado a flutuar nesta dúvida. Antevia, com absoluta certeza, que eu ia passar da doença para a saúde, depois de sofrer de permeio um perigo mais grave, o dessa dúvida, que era o paroxismo da enfermidade, que os médicos chamam estado crítico." (pág. 146)

4 – A Letra e o Espírito

"Alegrava-me também de ver que já não me propunham a leitura dos antigos escritos da Lei e dos Profetas, com a mesma panorâmica em que, tempos antes, me pareciam absurdas tais doutrinas, quando argüia os vossos santos, na suposição de que os interpretavam como eu julgava, quando na verdade os não interpretavam assim. Cheio de gozo, ouvia muitas vezes a Ambrósio dizer nos sermões ao povo, como que a recomendar, diligentemente, esta verdade: 'A letra mata e o espírito vivifica'. Removido assim o místico véu, desvendou-me espiritualmente passagens que, à letra, pareciam ensinar o erro. Ele nada dizia que me desagradasse, embora tivesse afirmações que eu ainda então ignorava se eram ou não verdadeiras." (pág. 150)

5 – O Valor da Bíblia

"Entretanto, preferindo a doutrina católica, já sentia, então, que era mais razoável e menos enganoso sermos obrigados a crer o que não demonstrava, quer houvesse prova, mesmo que esta não fosse para o alcance de qualquer pessoa, quer não a houvesse. Seria isso mais sensato do que zombarem da crença os maniqueístas, apoiados em temerária promessa de ciência, para depois nos mandarem acreditar em inúmeras fábulas tão absurdas que as não podiam provar." (pág. 151)

Livro VII – A Caminho de Deus

1 – Emancipando-se do Falso Conceito de Deus

"A Vós, ó Vida da minha vida, também Vos imaginava como um Ser imenso, penetrando por todos os lados a massa do Universo e alastrando-Vos fora dele, por toda parte, através das imensidades sem limites, de tal modo que a terra, o céu e todas as coisas Vos continham e todas elas se acabavam em Vós, sem, contudo, acabardes em parte alguma.

Mas assim como a massa do ar, deste ar que está por cima da terra, não se opõe a que a luz do sol penetre por ele, atravessando-o sem o rasgar nem cortar, mas enchendo-o inteiramente, assim julgava que não só as substâncias transparentes do céu, do ar e do mar, mas também as da terra eram por Vós penetradas em todas as suas partes, grandes e pequenas, para receberem a vossa presença, governando-as interiormente com vossa oculta inspiração e exteriormente dirigindo tudo o que criastes.

Assim conjeturava eu, pois não Vos podia conceber de outra maneira. Tal conjetura, porém, era falsa. Deste modo, uma parte da terra que fosse maior deveria também encerrar maior parte de Vós; e outra que fosse menor, uma parte menor. Estando tudo assim impregnado de Vós, o corpo do elefante, pelo fato de ser maior e ocupar mais espaço que o de um pássaro, teria proporcionalmente mais de Vós que o corpo do pássaro. E, deste modo, partido em fragmentos, comunicaríeis a vossa presença às grandes e pequenas partes do Universo, respectivamente com grandes e exíguas porções de Vós mesmo. Não é, porém, assim. Mas ainda não tínheis iluminado as minhas trevas." (págs. 172-173)

3 – A Causa do Mal

"Esforçava-me por entender (a questão) – que ouvia declarar – acerca de o livre-arbítrio da vontade ser a causa de praticarmos o mal, e o vosso reto juízo o motivo de o sofrermos. Mas era incapaz de compreender isso nitidamente.

Tentava arrancar do abismo a vista do meu espírito. Porém de novo mergulhava nele, e, sempre com reiterados esforços, me submergia sem cessar. Erguia-me para a vossa luz o fato de eu saber tanto ao certo que tinha uma vontade como sabia que tinha uma vida. Por isso, quando queria ou não queria uma coisa, tinha certeza absoluta de que não era outro senão eu quem queria ou não queria, experimentando cada vez mais que aí estava a causa do meu pecado. Quanto ao que fazia contra a vontade, notava que isso era antes padecer (o mal) do que praticá-lo. Considerava isso não uma falta, mas uma punição, em que, reconhecendo a vossa justiça, era logo forçado a confessar que justamente recebia o castigo.

Mas de novo refletia: 'Quem me criou? Não foi o meu Deus, que é bom, e é também a mesma bondade? De onde me veio, então, o querer eu o mal e não querer o bem? Seria para que houvesse motivo de eu justamente ser castigado? Quem colocou em mim e quem semeou em mim este viveiro de amarguras, sendo eu inteira criação do meu Deus tão amoroso? Se foi o demônio quem me criou, de onde é que veio ele? E se, por uma decisão de sua vontade perversa, se transformou de anjo bom em demônio, qual é a origem daquela vontade má com que se mudou em diabo, tendo sido criado anjo perfeito por um Criador tão bom?" (págs. 174-175)

5 – É Deus o Autor do Mal?

" 'Se subitamente quis fazer alguma coisa, por que a não reduziu ao nada, sendo Onipotente, e não ficou só Ele, todo verdadeiro Bem, todo sumo Bem, todo Bem infinito? Se não convinha que Aquele que é bom permanecesse estéril de obras boas, não poderia Ele fazer desaparecer e aniquilar a matéria que era má, estabelecendo outra que fosse boa, de onde criasse tudo? Não seria pois todo-poderoso, se nada de bom pudesse criar sem a ajuda daquela matéria a que Ele mesmo não tinha dado a existência.'

Revolvia tudo isto dentro do meu peito miserável, oprimido pelos mordazes cuidados do temor da morte e por não ter encontrado a verdade. Estava, contudo, arraigada no meu coração a fé em 'Jesus Cristo, vosso Filho, Senhor Salvador Nosso', professada pela Igreja Católica. Se bem que me achasse ainda informe e flutuando para além da norma da doutrina, contudo o meu espírito não abandonava a fé, antes cada vez mais se abraçava a ela. " (págs. 177-178)

12 – O Problema do Mal. A Perfeição das Criaturas

"Vi claramente que todas as coisas que se corrompem são boas: não se poderiam corromper se fossem sumamente boas, nem se poderiam corromper se não fossem boas. Com efeito, se fossem absolutamente boas, seriam incorruptíveis, e se não tivessem nenhum bem, nada haveria nelas que se corrompesse.

De fato, a corrupção é nociva, e, se não diminuísse o bem, não seria nociva. Portanto, ou a corrupção nada prejudica – o que não é aceitável – ou todas as coisas que se corrompem são privadas de algum bem. Isto não admite dúvida. Se, porém, fossem privadas de todo o bem, deixariam inteiramente de existir. Se existissem e já não pudessem ser alteradas, seriam melhores porque permaneciam incorruptíveis. Que maior monstruosidade do que afirmar que as coisas se tornariam melhores com perder todo o bem?" (pág. 187)

14 – A Trajetória de um Erro

"Não há saúde naqueles a quem desagrada alguma parte da vossa criação, como em mim também não a havia, quando não me agradavam muitas coisas que criastes. Porque a minha alma não ousava desgostar-se do meu Deus, recusava olhar como obra vossa tudo o que lhe não agradava. Por isso,

lançara-se na 'teoria das duas substâncias', mas não encontrava descanso, e apenas expressava opiniões alheias." (pág. 189)

16 – Onde Reside o Mal

"Senti e experimentei não ser para admirar que o pão, tão saboroso ao paladar saudável, seja enjoativo ao paladar enfermo, e que a luz, amável aos olhos límpidos, seja odiosa aos olhos doentes.

Se a vossa justiça desagrada aos maus, com muito mais razão lhe desagradam a víbora e o caruncho que criastes bons e adaptados às partes inferiores dos seres criados, às quais os próprios malvados são tanto mais semelhantes quanto são mais diferentes de Vós. Do mesmo modo são os maus tanto mais parecidos com os elementos superiores da criação quanto mais se tornam semelhantes a Vós.

Procurei o que era a maldade e não encontrei uma substância, mas sim uma perversão da vontade desviada da substância suprema – de Vós, ó Deus – e tendendo para as coisas baixas: vontade que derrama as suas entranhas e se levanta com intumescência." (pág. 190)

19 – Hesitante na Doutrina do Verbo

"Eu, porém, pensava de outra maneira, e somente imaginava o meu Senhor Jesus Cristo como um homem de excelente sabedoria,que ninguém poderia igualar, sobretudo porque nasceu maravilhosamente de uma Virgem, para nos dar exemplo de desprezo das coisas temporais e adquirir a imortalidade divina. Parecia-me que tinha merecido tão grande autoridade de magistério pelo cuidado com que se ocupou de nós. Nem sequer podia suspeitar que mistério encerravam as palavras: 'O Verbo se fez homem. Simplesmente pelos escritos que d'Ele tratavam sabia que comeu, bebeu, dormiu, fez caminhadas, regozijou-se, entristeceu-se, conversou, e que aquela carne não se tinha unido ao vosso Verbo senão pela alma e inteligência humana." (págs. 192-193)

21 – Entre o Esplendor da Verdade e o Platonismo

"Por conseguinte lancei-me avidamente sobre o venerável estilo (da Sagrada Escritura), ditada pelo vosso Espírito, preferindo, entre outros autores, o Apóstolo São Paulo. Desvaneceram-se-me aquelas objeções segundo as quais algumas vezes me pareceu haver contradição na Bíblia e incongruência entre o texto dos seus discursos e os testemunhos da Lei e dos Profetas. Compreendi o aspecto único daqueles castos escritos, e 'aprendi a alegrar-me com tremor'. Comecei a lê-los e notei que tudo o que de verdadeiro tinha lido nos livros dos platônicos se encontrava naqueles, mas com esta recomendação da vossa graça: que aquele que vê não se glorie como se não tivesse recebido não somente o que vê, mas também a possibilidade de ver. " (págs. 195-196)

Livro VIII – A Conversão

2 – A Conversão de Vitorino

"Dirigi-me,portanto, a Simpliciano, que, na concessão da graça, era pai do bispo Ambrósio. E, na verdade, este amava-o como pai. Narrei-lhe os labirintos do meu erro. Quando, porém, lhe disse que tinha lido uns livros platônicos vertidos para o latim por Vitorino – outrora retórico em Roma, e de quem eu ouvira dizer ter morrido cristão -, Simpliciano deu-me os parabéns por não ter caído nos escritos dos outros filósofos, cheios de falácias e enganos, 'segundo os elementos do mundo'. As obras platônicas sugerem, de todos os modos, Deus e o seu Verbo." (pág. 203)

7 – Reação de Agostinho

"Eu, jovem tão miserável, sim, miserável desde o despertar da juventude, tinha-Vos pedido a castidade, nestes termos: 'Dai-me a castidade e a continência; mas não ma deis já'. Temia que me ouvísseis logo e

me curásseis imediatamente da doença da concupiscência, que antes preferia suportar que extinguir. Tinha andado por maus caminhos, em sacrílega superstição, não que estivesse certo dela, mas porque a antepunha a outras verdades que não procurava com piedade e combatia hostilmente." (págs. 214-215)

10 – Contra os Maniqueístas

"Logo, admitindo eles que duas vontades combatem num só homem, nem por isso afirmam que contendem duas almas contrárias, uma boa e outra má, formadas de duas substâncias contrárias e de dois princípios também contrários! Vós, Deus verdadeiro, os reprovais, argüis e convenceis, uma vez que o mesmo acontece em vontades diferentes, ambas más, como, por exemplo, quando alguém delibera se há de assassinar um homem a veneno ou a punhal, se há de assaltar esta ou aquela propriedade alheia quando as não pode apanhar ambas, se se há de servir do dinheiro para comprar o prazer luxurioso ou conservá-lo na avareza, se há de ir ao circo ou a teatro,dado o caso de serem no mesmo dia. Acrescento uma terceira deliberação: se se há de ir roubar a casa alheia havendo para isso oportunidade. Ajunto uma quarta incerteza: se se há de cometer adultério patenteando-se com isso simultaneamente a oportunidade.

Ora, se todas estas hipóteses se realizassem num dado momento e com igual ânsia se desejassem todas – coisa que de modo algum pode acontecer ao mesmo tempo -, despedaçariam a alma numa luta de quatro vontades ou mais ainda, pois é tão grande a abundância dos objetos apetecidos! Contudo, eles, os maniqueístas, não têm o costume de afirmar que haja tão grande multidão de substâncias diversas!... " (pág. 219)

11 – O Espírito e a Carne. Últimas Lutas.

"Assim sofria e me atormentava, acusando-me muito mais asperamente que de ordinário, rolando-me e revolvendo-me nas minhas cadeias até que totalmente estalassem, pois só tenuamente estava atado a elas. Mas, enfim, ainda estava preso. E Vós, ó Senhor, instáveis nos recônditos do meu coração. Com severa misericórdia duplicáveis os açoites do temor e da vergonha, para eu não afrouxar, e para eu partir as pequenas e leves cadeias que tinham ficado, a fim de se não robustecerem de novo, ligando-me mais tenazmente.

Dizia dentro de mim: 'Vai ser agora, agora mesmo'. E pelas palavras caminhava para a decisão final. Estava a ponto de a cumprir, e não a cumpria. Já não recaía nas antigas paixões, mas estava próximo delas e respirava-as. Ao mesmo tempo, esforçava-me por chegar a uma decisão. Faltava pouco, sim, faltava pouco. Já quase a atingia e segurava. Mas ainda lá não estava nem a tocava nem a alcançava, hesitando em morrer na morte ou viver na vida. A paixão, arraigada em mim, dominava-me mais do que o bem, cujo hábito desconhecia. Ao passo que se vinha aproximando o tempo em que me devia transformar em outro homem, maior era o horror que me incutia. Mas este não me repelia para trás nem me desencaminhava. Simplesmente se mantinha indeciso." (pág. 220)

(...)

Entretanto, Alípio, fixo a meu lado, aguardava, silencioso, o desenlace desta insólita agitação." (pág. 222)

12 – A Conversão

"Assim falava e chorava, oprimido pela mais amarga dor do coração. Eis que, de súbito, ouço uma voz vinda da casa próxima. Não sei se era de menino, se de menina. Cantava e repetia freqüentes vezes: 'Toma e lê; toma e lê'.

Imediatamente mudando de semblante, comecei com a máxima atenção a considerar se as crianças tinham ou não o costume de trautear essa canção em algum dos jogos. Vendo que em parte nenhuma a tinha ouvido, reprimi o ímpeto das lágrimas, e levantei-me, persuadindo-me de que Deus só me mandava uma coisa: abrir o códice, e ler o primeiro capítulo que encontrasse. Tinha ouvido que Antão, assistindo, por acaso, a uma leitura do Evangelho, fora por ela advertido, como se essa passagem que se lia lhe

fosse dirigida pessoalmente: 'Vai, vende tudo o que possuis, dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-Me'. Com este oráculo se converteu a Vós.

Abalado, voltei aonde Alípio estava sentado, pois eu tinha aí colocado o livro das Epístolas do Apóstolo, quando de lá me levantei. Agarrei-o, abri-o e li em silêncio o primeiro capítulo em que pus os olhos: 'Não caminheis em glutonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendas e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites.

Não quis ler mais, nem era necessário. Apenas acabei de ler estas frases, penetrou-me no coração uma espécie de luz serena, e todas as trevas da dúvida fugiram. " (págs. 222-223)

Livro IX – O Batismo

5 – Em Comunicação com Santo Ambrósio

"Comuniquei por carta, ao vosso santo bispo Ambrósio, os meus desregramentos passados e a minha resolução presente, para que me indicasse o que de preferência devia ler nas vossas Escrituras, a fim de melhor me dispor e de me tornar mais apto para a recepção de tão insigne graça.

Ordenou-me que lesse o profeta Isaías, segundo me parece, por ter vaticinado, mais claramente do que qualquer outro, o vosso Evangelho e a vocação dos gentios à fé. Mas não o compreendi na primeira leitura, e, julgando que todo ele era assim obscuro, deferi a sua repetição para quando estivesse mais experimentado na palavra do Senhor." (págs. 236-237)

10 – O Êxtase de Óstia

"Ainda que isto disséssemos, não pelo mesmo modo e por estas palavras, contudo bem sabeis, Senhor, quanto o mundo e os seus prazeres nos pareciam vis, naquele dia, quando assim conversávamos. Minha mãe então disse: Meu filho, quanto a mim, já nenhuma coisa me dá gosto, nesta vida. Não sei o que faço ainda aqui, nem porque ainda cá esteja, esvanecidas já as esperanças deste mundo. Por um só motivo desejava prolongar um pouco mais a vida: para ver-te católico antes de morrer. Deus concedeu-me esta graça superabundantemente, pois vejo que já desprezas a felicidade terrena para servires ao Senhor. Que faço eu, pois, aqui?" (pág. 246)

11 – Últimos Desejos de Mônica

"Soube também que já quando vivíamos em Óstia, um dia em que eu não estava em casa, tinha ela falado com uma confiança maternal a alguns dos meus amigos acerca do desprezo desta vida e da felicidade da morte. Eles, admirados com aquele valor de uma mulher – foste Vós que lho destes! -, perguntaram-lhe se não temia deixar o corpo tão longe da sua cidade. Respondeu: 'Para Deus não é longe, nem devo temer que no fim dos séculos não saiba onde me há de ressuscitar'.

Enfim, no nono dia da doença, aos cinqüenta e seis anos de idade, e no trigésimo terceiro de minha vida, aquela alma piedosa e santa libertou-se do corpo." (pág. 248)

SEGUNDA PARTE

Livro X – O Encontro com Deus

1 – O Apelo à Verdade

"Fazei que eu Vos conheça, ó Conhecedor de mim mesmo, sim, que Vos conheça como de Vós sou conhecido." (pág.259)

4 – O Fruto das Confissões

"O fruto das minhas Confissões é ver, não o que fui, mas o que sou. Confesso-Vos isto, com íntima exultação e temor, com secreta tristeza e esperança, não só diante de Vós, mas também diante de todos os que crêem em Vós; dos que participam da mesma alegria e, como eu, estão sujeitos à morte; dos que são meus concidadãos e peregrinam neste mundo; e enfim, diante dos que me precedem, me seguem ou me acompanham no caminho da vida. Estes são os vossos servos, os meus irmãos, aos quais constituístes vossos filhos e meus senhores. A eles me mandastes servir, se quisesse viver de vós e convosco." (pág. 262)

5 – A Ignorância Humana

"Confessarei, pois o que sei de mim, e confessarei também o que de mim ignoro, pois o que sei de mim, só o sei porque Vós me iluminais; e o que ignoro, ignorá-lo-ei somente enquanto as minhas trevas se não transformarem em meio-dia, na vossa presença." (pág. 263)

6 – Quem é Deus?

"Perguntei-o à terra e disse-me: 'Eu não sou'. E tudo o que nela existe respondeu-me o mesmo. Interroguei o mar, os abismos e os répteis animados e vivos e responderam-me: 'Não somos o teu Deus; busca-o acima de nós'. Perguntei aos ventos que sopram; e o ar, com os seus habitantes, respondeu-me: 'Anaxímenes está enganado; eu não sou o teu Deus'. Interroguei o céu, o Sol, a Lua, as estrelas e disseram-me: 'Nós também não somos o Deus que procuras'. Disse a todos os seres que me rodeiam as portas da carne: 'Já que não sois o meu Deus, falai-me do meu Deus, dizei-me, ao menos, alguma coisa d'Ele'. E exclamaram com alarido: 'Foi Ele quem nos criou'." (pág. 264)

(...)

"Dirigi-me, então, a mim mesmo, e perguntei-me: 'E tu, quem és?' 'Um homem', respondi. Servem-me um corpo e uma alma; o primeiro é exterior, a outra interior. Destas duas substâncias, a qual deveria eu perguntar quem é o meu Deus, que já tinha procurado com o corpo, desde a terra ao céu, até onde pude enviar, como mensageiros, os raios dos meus olhos? À parte interior, que é a melhor. Na verdade, a ela é que os mensageiros do corpo remetiam, como a um presidente ou juiz, as respostas do céu, da terra e de todas as coisas que neles existem, e que diziam: 'Não somos Deus; mas foi Ele quem nos criou'. O homem interior conheceu esta verdade pelo ministério do homem exterior. Ora, eu, homem interior – alma -, eu conheci-a também pelos sentidos do corpo. Perguntei pelo meu Deus à massa do Universo, e respondeu-me: 'Não sou eu; mas foi Ele quem me criou'." (pág. 265)

8 – O Palácio da Memória

"É grande esta força da memória, imensamente grande, ó meu Deus. É um santuário infinitamente amplo. Quem o pode sondar até ao profundo? Ora, esta potência é própria do meu espírito, e pertence à minha natureza. Não chego, porém, a apreender todo o meu ser. Será porque o espírito é demasiado estreito para se conter a si mesmo? Então onde está o que de si mesmo não encerra? Estará fora e não dentro dele? Mas como é que o não contém?

Este ponto faz brotar em mim uma admiração sem limites que me subjuga.

Os homens vão admirar os píncaros dos montes, as ondas alterosas do mar, as largas correntes dos rios, a amplidão do oceano, as órbitas dos astros: e nem pensam em si mesmos! Não se admiram de eu ter falado (agora) de todas estas coisas num tempo em que as não via com os olhos! Ora, não poderia falar delas se, dentro da minha memória, nos espaços tão vastos como se fora de mim os visse, não observasse os montes, as ondas, os rios, os astros que contemplei e o oceano em que acredito por testemunho alheio. Mas, ao presenciá-los com os olhos, não os absorvi com a vista: residem em mim, não os próprios objetos, mas as suas imagens. Conheço com que sentido do corpo me foi impressa cada imagem." (págs. 268-269)

11 – A Memória e as Idéias Inatas

“Quantas destas espécies nos traz a nossa memória as quais já antes havíamos encontrado e – como já me exprimi – as tivemos como que à mão! Nós somos de parecer que já aprendemos e conhecemos estas coisas. Mas se deixar de as recordar, ainda que seja por pequeno espaço de tempo, de novo imergem e como que se escapam para esconderijo mais profundos. E assim, como se fossem novos, é necessário pensar, segunda vez, nesses conhecimentos existentes na memória – pois não têm outra habitação – e juntá-los (cogenda) novamente, para que se possa saber. Quer dizer, precisamos de os coligir (colligenda), subtraindo-os a uma espécie de dispersão. E daqui (cogenda, cogo) é que vem cogitare; pois cogo e cogito são como ago e agito, facio e facito. Porém a inteligência reivindicou como próprio este verbo (cogito), de tal maneira que só ao ato de coligir (colligere), isto é, ao ato de juntar (cogere) no espírito, e não em qualquer parte, é que propriamente se chama ‘pensar’ (cogitare).” (pág. 271)

16 – A Memória Lembra-se do Esquecimento

“Eu, Senhor, cogito este problema, trabalho em mim mesmo, transformei-me numa terra de dificuldades e de suor copioso. Agora já não escalo as regiões do firmamento; não meço as distâncias dos astros; não procuro as leis do equilíbrio da Terra; sou eu que me lembro, eu, o meu espírito. Não é de admirar que esteja longe de mim tudo o que não sou eu. Todavia, que há mais perto de mim do que eu mesmo?” (pág. 275)

(...)

“Se, pois, é pela imagem, e não por si mesmo, que o esquecimento se enraíza na memória, foi preciso que se achasse presente para que a memória pudesse captar a imagem. Como pôde o esquecimento, quando estava presente, gravar a sua imagem na memória, se ele, com a sua presença, apaga tudo o que lá encontra impresso? Enfim, seja como for, apesar de ser inexplicável e incompreensível o modo como se realiza este fato, estou certo de que me lembro do esquecimento, que nos varre da memória tudo aquilo de que nos lembramos.” (pág. 276)

20 – Como Procurar a Felicidade

“Mal ouvimos este nome, ‘felicidade’, imediatamente temos de confessar que é isso mesmo o que apetecemos; não nos deleitamos simplesmente com o som da palavra. Quando um grego ouve pronunciar esse vocábulo em latim, não se deleita, porque ignora o sentido. Mas nós deleitamo-nos; e ele também se deleita, se ouve em grego, porque a felicidade real não é grega nem latina, mas os gregos, os latinos e os homens de todas as línguas têm um desejo ardente de a alcançar. E assim, se fosse possível perguntar-lhes a uma só voz se ‘queriam ser felizes’, todos, sem hesitação, responderiam que sim. O que não aconteceria, se a memória não conservasse a própria realidade, significada nessa palavra.” (pág. 280)

35 - A Curiosidade

“Daqui se vê claramente quanto a volúpia e curiosidade agem em nós pelos sentidos: o prazer corre atrás do belo, do harmonioso, do suave, do saboroso, do brando; a curiosidade, porém, gosta às vezes de experimentar o contrário das sensações, não para se sujeitar a enfados dolorosos, mas para satisfazer a paixão de tudo examinar e conhecer.

Que gosto há em ver um cadáver dilacerado, a que se tem horror? Apesar disso, onde quer que esteja, toda a gente lá acorre, ainda que, vendo-o, se entristeça e empalideça. Depois, até em sonhos temem vê-lo, como se alguém os tivesse obrigado a ir examiná-lo, quando estavam acordados, ou como se qualquer anúncio de beleza os tivesse persuadido a lá irem.

O mesmo se dá com os outros sentidos. Iríamos longe se os percorrêssemos a todos. Por causa desta doença da curiosidade, exibem-se no teatro cenas monstruosas de superstição. Dela nasce o desejo de

perscrutar os segredos preternaturais, que afinal nada nos aproveita conhecer, e que os homens anseiam saber, só por saber.

É ainda a curiosidade que, com o mesmo intuito de alcançar uma ciência perversa, faz o homem recorrer às artes mágicas. Enfim é ela que, até na religião, nos arrasta a tentar a Deus, pedindo-lhe milagres e prodígios, não porque os exija a salvação das almas, mas só porque se deseja fazer a experiência." (págs. 296-297)

37 – A Tentação do Louvor

"Todos os dias nos vemos investidos por estas tentações, ó Senhor! Somos tentados sem interrupção! Os louvores humanos são a fornalha onde cotidianamente somos postos à prova. Também nesta miséria nos ordenais a continência. Concedei-nos o que nos ordenais e ordenai-nos o que quiserdes. Conheceis os gemidos que, a este respeito, se evolam do meu coração para Vós. Conheceis os rios de lágrimas que rebentam dos meus olhos! Ah! Dificilmente entrevejo até que ponto estou limpo desta peste." (pág. 300)

Livro XI – O Homem e o Tempo

1 – Confessar a Deus o que Ele já Conhece?

"Por isso, patenteamos o nosso amor para convosco, confessando-Vos as nossas misérias e as vossas misericórdias, a fim de que ponhais termo à obra já começada da nossa libertação e sejamos felizes em Vós, cessando de ser miseráveis em nós. Por isso nos chamastes para que fôssemos pobres de espírito e mansos, para que chorássemos tendo fome e sede de justiça, para que fôssemos misericordiosos, puros e pacíficos." (pág. 310)

4 – Deus, no Poema da Criação

"Existem, pois, o céu e a terra. Em voz alta dizem-nos que foram criados, porque estão sujeitos a mudanças e vicissitudes. Ainda mesmo o que não foi criado e todavia existe nada tem em si que antes não existisse. Portanto sofreu mudança e passou por vicissitudes. Proclamem todas estas coisas que não se fizeram a si próprias: 'Existimos porque fomos criados. Portanto, não existíamos antes de existir, para que nos pudéssemos criar'.

A mesma evidência é a voz com que o céu e a terra nos falam. Vós, Senhor, os criastes. Porque sois belo, eles são belos; porque sois bom, eles são bons; porque existis, eles existem. Não são tão formosos, nem tão bons nem existem do mesmo modo que vós, seu Criador. Comparados convosco, nem são belos, nem são bons, nem existem.

Graças Vos sejam dadas por sabermos estas coisas. Mas a nossa ciência, comparada com a vossa, é ignorância." (pág. 314)

5 – Palavra Criadora

"Todas estas criaturas Vos louvam como o Criador de tudo. Mas de que modo as fazeis? Como fizestes, meu Deus, o céu e a terra? Sem dúvida, não fizestes o céu e a terra no céu ou na terra, nem no ar ou nas águas, porque também estes pertencem ao céu e à terra. Nem criastes o Universo no Universo, porque, antes de o criardes, não havia espaço onde pudesse existir. Nem tínheis à mão matéria alguma com que modelásseis o céu e a terra. Nesse caso, de onde viria essa matéria que Vós não criáreis e com a qual pudésseis fabricar alguma coisa? Que criatura existe que não exija a vossa existência?

Portanto, é necessário concluir que falastes, e os seres foram criados. Vós os criastes pela vossa palavra!" (pág. 315)

6 – A Voz Ecoando no Silêncio

"Se foi, portanto, por meio de palavras soantes e transitórias que dissestes que fossem feitos o céu e a terra, e se assim os criastes, conclui-se que já antes do céu e da terra existia uma criatura material por cujas vibrações aquela voz pôde correr no tempo.

Porém, nenhum corpo existia antes do céu e da terra, ou, se existia, Vós o tínheis certamente criado sem sem ser por meio de voz transitória. Por ele emitistes a voz passageira com que dissestes que o céu e a terra fossem feitos.

Efetivamente, qualquer que seja a substância com que produzistes essa voz, de modo algum poderia existir, se não a tivésseis criado. Mas que palavra pronunciastes para dar ser à matéria com que havíeis de formar aquelas palavras?" (pág. 316)

7 - O Verbo de Deus Coeterno com Deus

"Assim nos convidais a compreender o Verbo, Deus junto de Vós, que sois Deus, o qual é pronunciado por toda a eternidade e no qual tudo é pronunciado eternamente. Nunca se acaba o que estava sendo pronunciado nem se diz outra coisa para dar lugar a que tudo se possa dizer, mas tudo se diz simultânea e eternamente. Se assim não fosse já haveria tempo e mudança, e não a verdadeira eternidade e verdadeira imortalidade." (págs. 316-317)

10 – Que Faria Deus antes da Criação?

"Não é verdade que estão ainda cheios de velhice espiritual aqueles que nos dizem: 'Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra? Se estava ocioso e nada realizava', dizem eles, 'porque não ficou sempre assim no decurso dos séculos, abstendo-se, como antes, de toda ação? Se existiu em Deus um novo movimento, uma vontade nova para dar o ser a criaturas que nunca antes criara, como pode haver verdadeira eternidade, se n'Ele aparece uma vontade que antes não existia?

A vontade de Deus não é uma criatura. Está antes de toda criatura, pois nada seria criado se antes não existisse a vontade do Criador. Essa vontade pertence à própria substância de Deus. Se alguma coisa surgisse na substância de Deus que antes lá não estivesse, não podíamos, com verdade, chamar a essa substância eterna. Mas, se desde toda a eternidade é vontade de Deus que existam criaturas, por que razão não são as criaturas eternas?" (pág. 319)

12 - O Que Fazia Deus Antes da Criação do Mundo?

"Eis a minha resposta àquele que pergunta: 'Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?' Não lhe responderei nos mesmos termos com que alguém, segundo se narra, respondeu, eludindo, com graça, a dificuldade do problema: 'Preparava', disse, 'a geena para aqueles que perscrutam estes profundos mistérios!' Uma coisa é ver a solução do problema e outra é rir-se dela. Não darei essa resposta. Gosto mais de responder: não sei – quando de fato não sei – do que apresentar aquela solução, dando motivo a que se escarneça do que propôs a dificuldade e se louve aquele que respondeu coisas falsas.

Mas eu digo, meu Deus, que sois o Criador de tudo, o que foi criado. Se pelo nome de 'céu e terra' se compreendem todas as criaturas, não temo afirmar que antes de criardes o céu e a terra não fazíeis coisa alguma. Pois, se tivésseis feito alguma coisa, que poderia ser senão criatura vossa? Oxalá eu soubesse tudo o que me importa conhecer, como sei que Deus não fazia nenhuma criatura antes que se fizesse alguma criatura!" (pág. 320)

13 – O Eterno “Hoje”

“Sendo, pois, Vós o obreiro de todos os tempos – se é que existiu algum tempo antes da criação do céu e da terra -, por que razão se diz que Vos abstínheis de toda a obra? Efetivamente fostes Vós que criastes esse mesmo tempo, nem ele podia decorrer antes de o criardes! Porém, se antes da criação do céu e da terra não havia tempo, para que perguntar o que fazíeis então? Não podia haver ‘então’ onde não havia tempo. Não é no tempo que Vós precedeis o tempo, pois, de outro modo, não seríeis anterior a todos os tempos.” (pág. 321)

(...)

“Os vossos anos não vão nem vêm. Porém os nossos vão e vêm, para que todos venham. Todos os vossos anos estão conjuntamente parados, porque estão fixos, nem os anos que chegam expulsam os que vão, porque estes não passam. Quanto aos nossos anos, só poderão existir todos, quando já todos não existirem. Os vossos anos são como um só dia, e o vosso dia não se repete de modo que possa chamar-se cotidiano, mas é um perpétuo ‘hoje’, porque este vosso ‘hoje’ não se afasta do ‘amanhã’, nem sucede ao ‘ontem’. O vosso ‘hoje’ é a eternidade. Por isso gerastes coeterno o vosso Filho, a quem dissestes: ‘Eu hoje te gerei’.

Criastes todos os tempos e existis antes de todos os tempos. Não é concebível um tempo em que possa dizer-se que não havia tempo.” (págs. 321-322)

15 – As Três Divisões do Tempo

“Contudo, dizemos tempo longo ou breve, e isto, só o podemos afirmar do futuro ou do passado. Chamamos ‘longo’ ao tempo passado, se é anterior ao presente, por exemplo, cem anos. Do mesmo modo dizemos que o tempo futuro é ‘longo’, se é posterior ao presente também cem anos. Chamamos ‘breve’ ao passado, se dizemos, por exemplo, ‘há dez dias’; e ao futuro, se dizemos ‘daqui a dez dias’. Mas como pode ser breve ou longo o que não existe? Com efeito, o passado já não existe e o futuro ainda não existe. Não digamos: ‘é longo’; mas digamos do passado: ‘foi longo’; e do futuro: ‘será longo’.” (pág. 323)

18 – O Vaticínio do Futuro pelo Presente

“Se existem coisas futuras e passadas, quero saber onde elas estão. Se ainda o não posso compreender, sei todavia que em qualquer parte onde estiverem, aí não são nem futuras nem pretéritas, mas presentes. Pois, se também aí são futuras, ainda lá estão; e, se nesse lugar são pretéritas, já lá não estão. Por conseguinte, em qualquer parte onde estiverem, quaisquer que elas sejam, não podem existir senão no presente. Ainda que se narrem os acontecimentos verídicos já passados, a memória relata, não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais, ao passarem pelos sentidos, gravaram no espírito uma espécie de vestígios. Por conseguinte, a minha infância, que já não existe presentemente, existe no passado que já não é. Porém a sua imagem, quando a evoco e se torna objeto de alguma descrição, vejo-a no tempo presente, porque ainda está na minha memória.” (pág. 326)

(...)

“Vejo a aurora e prognostico que o sol vai nascer. O que vejo é presente, o que anuncio é futuro. Não é o sol que é futuro, porque esse já existe, mas sim o seu nascimento, que ainda não se realizou. Contudo, não o poderia prognosticar sem conceber também, na minha imaginação, o mesmo nascimento, como agora o faço quando isso declaro. Mas nem aquela aurora que eu vejo no céu e que precede o aparecimento do sol, nem aquela imagem formada no meu espírito são o mesmo nascimento do sol, ainda que, para se predizer este futuro, se devam enxergar a aurora e a sua imagem como presentes.

Por conseguinte, as coisas futuras ainda não existem; e se ainda não existem, não existem presentemente. De modo algum podem ser vistas, se não existem. Mas podem ser prognosticadas pelas coisas presentes que já existem e se deixam observar.” (pág. 327)

20 – Conclusão desta Análise: Nova Terminologia

"O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três." (págs. 327-328)

28 – O Tempo e o Espírito

"Quem, por conseguinte, se atreve a negar que as coisas futuras ainda não existem? Não está já no espírito a expectação das coisas futuras? Quem pode negar que as coisas pretéritas já não existem? Mas está ainda na alma a memória das coisas passadas. E quem contesta que o presente carece de espaço, porque passa num momento? Contudo, a atenção perdura, e através dela continua a retirar-se o que era presente. Portanto, o futuro não é um tempo longo, porque ele não existe: o futuro longo é apenas a longa expectação do futuro. Nem é longo o tempo passado porque não existe, mas o pretérito longo outra coisa não é senão a longa lembrança do passado." (pág. 337)

Livro XII – A Criação

7 - A Criação do Céu e da Terra

"Criastes, sim, o céu e a terra, sem os tirardes de Vós. Doutro modo, seriam iguais ao vosso Filho Unigênito, e, por isso mesmo, iguais também a Vós. Ora, de modo nenhum seria justo que fosse igual a Vós o que não é da vossa substância." (pág. 347)

8 – O Princípio do Mundo Visível

"Criastes, portanto, Senhor, o mundo, da matéria informe. Criastes do nada este quase-nada, donde, depois, fizestes as grandes coisas, que nós, os filhos dos homens, admiramos. De fato, é verdadeiramente admirável este céu corpóreo, este firmamento que separa umas águas das outras, por Vós criado, no segundo dia, depois da luz, quando dissestes: 'Faça-se, e assim se fez'." (pág. 347)

9 – O Caos Transcende o Tempo

"Porém, este caos, esta terra invisível e informe não foi numerada entre os dias. Onde não há nenhuma forma nem nenhuma ordem, nada vem e nada passa; e onde nada passa, não pode haver dias nem sucessão de espaços de tempo!" (pág. 348)

11 – Revelastes-me...

"Nada encontro que mais naturalmente se possa chamar 'céu do céu que pertence ao Senhor', do que a vossa Habitação, que contempla as vossas delícias sem nenhum defeito que a arraste para outra parte. Ela é alma pura, estranhamente unida, por um laço de paz, aos Santos Espíritos, cidadãos da vossa cidade, situada no céu que está acima do nosso céu." (pág. 350)

12 – Duas Criaturas Prescindem do Tempo

"Enquanto mo permitistes, meditei, ó meu Deus, nestas verdades. Durante elas, excitastes-me a bater à porta, e abristes-ma. Ora, após essas reflexões, encontrei duas criaturas que não estão sujeitas ao tempo, apesar de nenhuma delas Vos ser coeterna; uma de tal modo é formada que goza da vossa eternidade e imutabilidade, sem nunca cessar de Vos contemplar nem sofrer intervalo de mudança alguma, ainda que seja mutável por natureza. A outra é tão informe, que não pode mudar de forma nem

no movimento nem no estado de repouso. É-lhe impossível estar sujeita ao tempo. Mas não permitistes que ficasse informe porque, antes de qualquer dia, criastes no princípio o CÉU e a TERRA, as duas criaturas a que me referia." (pág. 351)

13 – Interpretação das Primeiras Palavras Bíblicas

"No princípio criou Deus o céu e a terra; a terra, porém, era invisível e desorganizada; e as trevas cobriam a face do abismo.

Quando ouço, ó meu Deus, estas palavras da Escritura, e noto que não se faz referência ao dia em que os criastes, interpreto-as deste modo: 'o céu do céu' é o céu intelectual, onde a inteligência conhece simultaneamente e não por partes, nem por enigmas ou como em espelho, mas inteiramente, com toda a clareza, face a face. Conhece, não agora uma coisa, logo outra, mas, como já disse, simultaneamente, sem vicissitude de tempo. A terra invisível e desorganizada é a massa informe, sem aquela alternativa de tempo que costuma fazer com que as coisas tenham ora isto ora aquilo, porque onde não há forma, também não existe 'isto e aquilo'." (págs. 351-352)

15 – Em Discussão

"É certo que antes dela não descobrimos o tempo, porque a sabedoria foi criada anteriormente a todas as coisas. Não me refiro, é claro, àquela Sabedoria de que Vós, ó meu Deus, sois Pai, e que é coeterna convosco, igual a Vós, pela qual todas as coisas são criadas, e em cujo Princípio fizestes o céu e a terra, mas simplesmente a esta sabedoria criada, quer dizer, a esta natureza intelectual que é luz pela contemplação da luz, e é chamada também sabedoria, ainda que criada." (pág. 354)

25 – A Refutação

"Eis as palavras fraternas e pacíficas que lhes dirijo: Se ambos vemos que é verdade o que tu dizes, e se ambos vemos que é verdade o que eu digo, onde, pergunto eu, o vemos nós? Nem eu, sem dúvida, o vejo em ti, nem tu em mim, mas vemo-lo ambos na imutável Verdade que está acima das nossas inteligências." (pág. 365)

Livro XIII – A Paz

5 – A Trindade Divina

"Eis que me aparece, como num enigma, a Trindade. Sois Vós, meu Deus, pois Vós, Pai, criastes o céu e a terra no princípio da nossa Sabedoria, que é a vossa Sabedoria, que de Vós nasceu, igual e coeterna convosco, isto é, no vosso Filho.

Já largamente falei do 'céu do céu' da 'terra invisível e informe', e do 'abismo das trevas', onde as naturezas espirituais permaneceriam errantes na sua imperfeição primitiva, se se não voltassem para Aquele de onde procede toda vida. Naquele abismo de trevas a Luz divina ia espalhar alguns raios de beleza, para que fossem 'o céu do seu céu', que foi mais tarde criado entre as águas superiores e as águas inferiores." (pág. 379)

8 – A Inquietação e o Regaço de Deus

"Caiu o anjo, caiu a alma do homem, mostrando com a sua queda que lá nas profundezas das trevas havia o abismo. Este encerraria todas as criaturas espirituais, se não tivésseis dito desde o princípio: 'Faça-se a luz!', e a luz não tivesse aparecido, e todas as inteligências da vossa cidade celeste não se unissem a Vós pela obediência e descansassem em vosso Espírito, que pairava imutável sobre os seres transitórios.

De outro modo, 'o céu do céu' seria, em si, um abismo de trevas, ao passo que agora é luz do Senhor. Nesta lamentável inquietação dos espíritos caídos que mostram as suas trevas despidas da vossa luz, suficientemente demonstrais quão sublime fizestes a criatura racional. Efetivamente, tudo o que for menor do que Vós, de modo algum, a sacia na ânsia de felicidade e repouso, por isso mesmo, nem sequer se contenta a si própria." (pág. 381)

9 – O Peso do Amor

"O corpo, devido ao peso, tende para o lugar que lhe é próprio, porque o peso não tende só para baixo, mas também para o lugar que lhe é próprio. Assim o fogo encaminha-se para cima, e a pedra para baixo. Movem-se segundo o seu peso. Dirigem-se para o lugar que lhes compete. O azeite derramado sobre a água aflora à superfície; a água vertida sobre o azeite submerge-se debaixo deste: movem-se segundo o seu peso e dirigem-se para o lugar que lhes compete. As coisas que não estão no próprio lugar agitam-se, mas, quando o encontram, ordenam-se e repousam.

O meu amor é o meu peso. Para qualquer parte que vá, é ele quem me leva. O vosso Dom inflama-nos e arrebata-nos para o alto. Ardemos e partimos. Fazemos ascensões no coração e cantamos o 'cântico dos degraus'." (págs. 382-383)

(Seleção feita por José Monir Nasser. Os trechos foram adaptados de "Santo Agostinho", coleção "Os Pensadores" da Editora Nova Cultural, 1996, São Paulo, tradução de J. Oliveira Santos, S. J., e A. Ambrósio de Pina, S.J.).